



**FIOCRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
EPSJV - ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
CURSO DE ANÁLISES CLÍNICAS**

**ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS**

Úrsula Oliveira da Cunha Galindo  
Profa. Orientadora: Nina Soalheiro

Rio de Janeiro  
2016

**FIOCRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
EPSJV - ESCOLA POLITECNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
CURSO DE ANÁLISES CLÍNICAS**

**ÚRSULA OLIVEIRA DA CUNHA GALINDO**

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM 16/12/2016

**BANCA EXAMINADORA:**

Professora Nina Soalheiro – EPSJV  
Presidente

Professor Daniel Groisman – EPSJV  
Membro

Professor Denis Petuco – EPSJV  
Membro

Dedico esse trabalho a todos que saíram de relações amorosas abusivas e se tornaram mais fortes com elas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional e pelas lições aprendidas durante o curso, que serão levadas para a vida.

Agradeço a minha orientadora Nina Soalheiro, com quem compartilhei ideias e construções, e me tornei capaz de mudar algumas opiniões cristalizadas que me impediam de fazer um trabalho científico.

Agradeço a minha família, por ter sempre investido na minha educação e ter me suportado durante vinte anos.

Agradeço aos Flávio Paixão, por ter sido um professor muito presente e dedicado, sem o seu apoio eu não teria terminado o curso. Agradeço a ferramenta de busca Google, sem a qual eu não teria avançado para chegar ao ensino médio. Agradeço ao professor Murilo Vilaça, por ter sido um grande conselheiro e estar disposto a me ouvir nos momentos em que eu mais precisei. Agradeço ao Marquinho, professor de hematologia, que durante sua vida compreendeu minhas dificuldades em sua matéria e não me levou à exaustão. Todos sentimos sua falta. Agradeço ao meu pai, que apesar dos problemas, sempre me recebeu de volta como se nada tivesse acontecido. Agradeço especialmente à minha mãe, que abdicou de sua saúde para que eu tivesse a melhor qualidade de vida possível.

Agradeço aos meus amigos, Chrislayne, Mariana Rangel, Patrícia Viana, Pedro Henrique Duarte, por terem sido capazes de ver minha luz no meio das trevas. Agradeço a um ex namoRAdo, porque se não tivesse sido o pior naMOrado do muNdo, eu não teria me tornado mais consciente do meu valor e de como as mulheres precisam ser empoderadas. Agradeço a Rafaela Pereira, por ter me ensinado sentimentos que nunca aprendi antes, e ter sido uma companhia muito leal e honesta com meus erros. Nunca vou esquecer da sua amizade e de nossos desesperos escrevendo esse trabalho. Agradeço a Tamires Lima, por ter sido uma amiga, confidente, e ter sido uma das poucas a ter coragem de me pôr no meu lugar quando eu merecia. Sua grande personalidade e força de caráter me impressionam. Agradeço a Hudson Marques, por aliviar meu estresse em dias difíceis. Suas piadas, seu jeito impetuoso e corajoso, sempre pronto para uma nova aventura me inspiraram a ser mais dinâmica e menos sistemática na minha vida. Agradeço a minha prima Carolina Oliveira Corrêa, que sempre foi minha bebê e se tornará uma linda mulher. Agradeço a minha tia, Cláudia Oliveira Corrêa, que sempre cuidou de mim como uma filha. Agradeço a Cristiane Manoel, por ter sido a melhor coordenadora do estágio que eu já tive, ser extremamente compreensiva e preocupada com o bem estar de todos.

*“O amor é bom pros que aguentam a sobrecarga psíquica”*  
(Charles Bukowski)

## RESUMO

**GALINDO, Ursula Oliveira da Cunha. Adolescência e Violência nos Relacionamentos Amorosos. Monografia. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2016.**

Esta monografia tem como objetivo explorar a dinâmica dos relacionamentos amorosos violentos entre adolescentes, buscando compreender seu contexto, em especial nas escolas de ensino médio. Exploramos o significado de adolescência e buscamos compreender o que a define, ou mesmo se defini-la é possível. Sendo um período da vida que marca mais fatores sociais que biológicos, portanto, compreendemos a adolescência inserida em uma sociedade complexa que dificulta a sua redução a uma única explicação. A partir do contexto histórico no qual o conceito de adolescência surgiu, pudemos associá-la aos tipos de violência e delimitar melhor como esse conceito se relaciona com ela. Em seguida discutimos como um relacionamento amoroso pode se tornar uma forma de expressão de violência entre os indivíduos, compreendendo como a perpetuação da violência familiar e social interfere na forma como o indivíduo interage com o meio, e, conseqüentemente, nos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, busca-se definir alguns comportamentos que se configuram como violência no âmbito sexual, psicológico e físico, compreender os limites entre afeto ou violência, e discutir formas de prevenção.

**Palavras-chave:** relacionamento amoroso; violência; adolescência.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. OBJETIVOS: .....	4
2.1. Objetivos gerais.....	4
2.2. Objetivos específicos .....	4
3. METODOLOGIA: .....	5
4. REFERENCIAL TEÓRICO .....	6
4.1. Adolescência e violência: questões iniciais .....	6
4.1.1. Adolescência como uma construção social .....	6
4.1.2. Algumas reflexões iniciais sobre violência .....	11
4.2. A violência em relacionamentos amorosos na adolescência. ....	13
4.2.1. O que pode tornar uma relação amorosa uma fonte de violência para os envolvidos? .....	13
4.2.2. O que caracteriza um relacionamento como abusivo e violento? .....	16
4.2.3. Quais os limites entre afeto e violência? .....	19
4.3. Violência no namoro: sensibilização e prevenção .....	20
5. CONCLUSÃO .....	26
Referências Bibliográficas .....	27
ANEXO I – Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI) .....	29
ANEXO II – Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.).....	33

# 1. INTRODUÇÃO

Nosso estudo procura entender a dinâmica dos relacionamentos abusivos, ou seja, o que ocorre em uma relação íntima para que seja considerada uma experiência de troca causadora de sofrimento emocional. Procuramos entender as características da adolescência como um período importante da vida e a presença e as formas de manifestação da violência nesta fase. A partir da compreensão do que é um relacionamento abusivo, suas características, causas e efeitos, procuraremos discutir como uma relação amorosa pode se tornar um espaço de materialização da violência estrutural para os envolvidos. O trabalho pretende contribuir para a compreensão, em especial nas escolas, dos casos de violência nos relacionamentos íntimos entre adolescentes e auxiliar no enfrentamento a determinados comportamentos que causam sofrimento.

Além do impacto emocional que os relacionamentos íntimos apresentam, há também uma consequência muito importante de ser frisada no que se refere aos relacionamentos abusivos entre adolescentes. Segundo Saavedra e Machado (2012, p. 109) tal forma de violência já se mostrou um grande preditor para a violência doméstica e segundo algumas pesquisas citadas pelos autores, mulheres agredidas em seus casamentos já apresentaram vivências anteriores de parceiros que se comportavam de maneira abusiva.

A violência no namoro tem tido, contudo, mais recentemente, a atenção de muitos profissionais e investigadores dirigida sobre si, não apenas pela frequência que parece assumir dentro dos relacionamentos (cf. Jackson, Cram, & Seymour, 2000)<sup>1</sup> – e pelo impacto que causa nas suas vítimas mas, sobretudo, por ser considerada um forte preditor da violência nas relações de conjugalidade (*e.g.*, Wekerle & Wolfe, 1999).

Compreender as origens dos eventos de violência psicológica é importante porque tem sido indicado um aumento no índice de casos quando o perpetrador tem um histórico familiar de comportamentos considerados psicologicamente agressivos (Oliveira, Queiti Batista Moreira, Simone Gonçalves De Assis, Kathie Njaine, and Thiago Oliveira Pires). Pode se considerar essas estatísticas como um verdadeiro aumento, ou então um interesse maior em identificar com fidelidade os verdadeiros índices de violência e a extensão desse problema na sociedade. Nesse sentido, compreender as formas como comportamentos de âmbito agressivo são reproduzidos no âmbito amoroso também é de grande importância, uma vez que permite o enriquecimento de projetos de conscientização quanto às atitudes abusivas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos, sendo que no Brasil, o Estatuto

da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos. Independente dessas variações, no setor saúde, encontramos entre as prioridades nacionais estratégicas o cuidado integral à saúde de adolescentes e jovens. Os últimos censos apontam que houve uma desaceleração do ritmo de crescimento da população adolescente e jovem, mas com a expectativa de que esse segmento continue crescendo, embora em ritmo decrescente. Ainda assim essa população atualmente é a mais numerosa em toda a história do Brasil. O entendimento da saúde em sua acepção mais abrangente gera a necessidade de que os gestores, profissionais de saúde, a família e a sociedade em geral compreendam os processos e demandas desse grupo etário, assim como os fatores ambientais, sociais e culturais que afetam a sua saúde. (Brasil, 2010)

A adolescência se inicia com as primeiras mudanças corporais características do início da maturação do corpo e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento físico, intelectual e forma sua personalidade, ou seja, forma a sua identidade. (*Bock, Ana Mercês Bahia*). Dessa maneira, ocorre o início da assimilação de responsabilidades e deveres, intrínsecos à personalidade do jovem. Envolve também a fixação de afinidades e o molde de sua personalidade (*Pilon, André Francisco*). A identidade é formada a partir da influência de fatores intrapessoais, ou seja, capacidades e comportamentos adquiridos, de fatores interpessoais, pelo contato com outras pessoas, e de fatores culturais e valores sociais da sociedade a qual está inserido o adolescente.

O relacionamento caracterizado como abusivo é um relacionamento amoroso marcado por comportamentos violentos, seja de ordem física, sexual ou psicológica. É visto como uma interação emocional onde uma parte tenta exercer poder sobre a outra, como uma maneira de tê-la para si e exercer um tipo de posse. Nesse trabalho, nos aprofundaremos nos comportamentos considerados violentos que se encaixem nessa classificação, com foco especial na violência psicológica. Assim,

“A literatura sobre violência entre namorados adolescentes mostra predominância de estudos sobre violência física e sexual, talvez por produzirem efeitos mais visíveis. A violência psicológica ainda tem pouco destaque, embora diversas pesquisas mostrem prevalências de violência psicológica mais altas do que as que têm merecido mais destaque” (OLIVEIRA ET AL, 2014:708).

Dessa maneira, procuraremos, estabelecer uma relação entre o comportamento violento na relação amorosa com a fase da adolescência, compreendendo os efeitos de longo prazo de relacionamentos abusivos para o desenvolvimento do indivíduo. Para isso daremos ênfase na importância do ambiente escolar como lugar privilegiado para intervenção e prevenção.

Tomaremos como referência para a nossa discussão o trabalho de Saavedra (2010) e Saavedra e Machado (2012) onde relatam a experiência de aplicação dos instrumentos “INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS DE NAMORO ADOLESCENTES” (ANEXO I) e da “ESCALA DE ATITUDES ACERCA DA VIOLÊNCIA NO NAMORO” (ANEXO II) e suas reflexões acerca da violência no namoro. Dessa forma esperamos apresentar um panorama da forma como o jovem compreende a relação amorosa e quais comportamentos e atitudes considera aceitáveis na troca afetiva, a partir dessa pesquisa feita com adolescentes. E assim contribuir para a construção de formas de prevenção desse tipo de violência, em especial no ambiente escolar.

## **2. OBJETIVOS:**

### **2.1. *Objetivos gerais***

O objetivo geral deste estudo é explorar as características dos relacionamentos abusivos e como se apresentam no relacionamento de adolescentes.

### **2.2. *Objetivos específicos***

- Estudar as características da adolescência e as formas de violência a ela associadas.
  
- Investigar as características das experiências de violência em relacionamentos amorosos na adolescência, e os fatores que determinam os relacionamentos abusivos e compreender o namoro como um espaço de materialização de atos violentos.
  
- Discutir formas de prevenção através da descrição de uma experiência de programas de intervenção em escolas do ensino médio através da aplicação de instrumentos de investigação da percepção do jovem acerca dos comportamentos e atitudes aceitáveis ou não em uma relação amorosa.

### **3. METODOLOGIA:**

A metodologia é de natureza qualitativa e se baseou em uma revisão bibliográfica conceitual não sistemática, a partir de artigos e livros de autores de referência para a temática da violência nas relações amorosas entre adolescentes. Partimos de uma investigação sobre o que pode tornar uma relação amorosa um espaço de materialização da violência para os envolvidos, e, à luz desta, analisar as possibilidades do uso de dois instrumentos que identificam as atitudes e comportamentos dos jovens. São dois questionários de auto relato sobre violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos e as estratégias de resolução de conflitos utilizadas por adolescentes inseridos no contexto escolar.

A partir disso, o presente estudo descreve e analisa uma experiência de programas de intervenção em escolas de ensino médio de Portugal com o objetivo de refletir sobre o uso de instrumentos para estratégias de prevenção de comportamentos e atitudes violentos nas relações amorosas. A referência utilizada e o modelo de intervenção discutido foram uma adaptação dos instrumentos INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS DE NAMORO ADOLESCENTES (ANEXO I) e da ESCALA DE ATITUDES ACERCA DA VIOLÊNCIA NO NAMORO (ANEXO II), por sua vez uma tradução e adaptação autorizada e validada pela autora para a população portuguesa (Saavedra, R. M. M., 2010).

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1. Adolescência e violência: questões iniciais

#### 4.1.1. Adolescência como uma construção social

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos, sendo que, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência, a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos. Independente dessas variações, no setor saúde, encontramos entre as prioridades nacionais estratégicas o cuidado integral à saúde de adolescentes e jovens. Os últimos censos apontam que houve uma desaceleração do ritmo de crescimento da população adolescente e jovem, mas com a expectativa de que esse segmento continue crescendo, embora em ritmo mais lento. O entendimento da saúde em sua acepção mais abrangente gera a necessidade de que os gestores, profissionais de saúde, a família e a sociedade em geral compreendam os processos e demandas desse grupo etário, assim como os fatores ambientais, sociais e culturais que afetam a sua saúde. (Brasil, 2010)

De acordo com uma revisão de literatura importante sobre o tema e que tomamos como referência neste trabalho (Bock, 2007), não foram poucos os estudiosos que procuraram uma forma de definir e caracterizar a adolescência como uma fase natural do ser humano. Entretanto, a própria autora questiona a forma como essa delimitação do conceito foi sendo construída, devido ao referencial excessivamente biológico de muitos dos estudiosos e a forma quase patológica como a adolescência é apresentada.

Para Erickson, seria possível interpretar a adolescência como uma fase na qual se inicia uma resistência do jovem em justificar todas as suas ações, evitando responder às responsabilidades adultas. O autor apresenta a adolescência como uma fase no desenvolvimento e formação do indivíduo onde haveria confusão de papéis sociais e dificuldade de estabelecer uma identidade própria, características da transição entre a infância e vida adulta. (Erickson *apud* Bock).

Segundo Bock (2007), a partir dessa definição de Erickson, muitos outros estudiosos se respaldaram nesse conceito e começaram a caracterizar a adolescência de forma similar. Knobel (1989), por exemplo, descreve aquilo que denomina como a “síndrome normal da adolescência”, citando as características que definiriam a adolescência. Nessa síndrome, a adolescência seria definida como uma etapa da vida em que haveria uma busca de si mesmo

e da própria identidade, ou seja, uma época de formação da personalidade (Knobel, 1989, p.29). O autor descreve as suas características principais:

- busca de si mesmo e da identidade;
- Tendência grupal;
- Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- Crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso;
- Deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário;
- Evolução sexual manifesta, desde o auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta;
- Atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade;
- Contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida;
- Uma separação progressiva dos pais;
- Constantes flutuações de humor e do estado de ânimo” (Knobel, apud Bock1989, p.29)

Bock (2007) ressalta que os estudos sobre a adolescência procuravam observar características comuns em adolescentes e defini-los, de certo modo reduzindo-os a essas observações, como se a juventude fosse algo intrínseco ao ser humano e uma experiência idêntica para todos. A autora critica esses estudos, observando que:

“As concepções correntes, até então, concebiam a adolescência de forma não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento, semi-patológica, sempre carregada de conflitos “naturais”. Dessa forma, a cultura aparece apenas como molde da expressão de uma adolescência natural. ” (Bock, 2007, PG 64)

Dessa forma, a cultura é abordada como um meio que atualiza determinadas características inerentes ao homem, não sendo considerada um fator chave para a formação do ser e suas características. Portanto, funcionaria como uma espécie de molde para atributos intrínsecos do adolescente, mas não mudaria sua essência. Nessa linha de pensamento, a adolescência é principalmente provocada pelo amadurecimento biológico, e na qual a influência de hormônios provocaria uma série de comportamentos comuns e previsíveis ao crescimento. Uma visão que é corroborada por diversos autores dessa corrente denominada de naturalizante.

Nesse sentido, a importância da crítica dessa forma de leitura se concentra na forma indissociável que a adolescência é relacionada à biologia, tornando difícil uma leitura que valorize o comportamento e as condutas, tanto do adolescente, quanto dos pais e do

ambiente. A partir dessa perspectiva, determinadas formas de lidar com a sociedade poderiam ser justificáveis pela fase ao invés de desconstruídas. Outro fator limitante nessa visão seria o fato de que o objeto de grande parte desses estudos considera apenas as perspectivas europeia e estadunidense, sendo pouco abrangentes quanto às diversas culturas. A autora também destaca também um estudo realizado por Becker e Calligaris, que se contrapõe em certos aspectos à forma naturalista utilizada até então para definir a adolescência. Nessa nova abordagem há uma discussão de como o meio seria essencial para a adolescência, mas, ainda sem conseguir superar a perspectiva naturalista. Para eles, a adolescência seria um período de posição ativa, ou menos passiva, de questionamentos e interesse pela sociedade e sua forma de interação com esta. Esses autores fazem considerações sobre a dificuldade de definir conceitos para aspectos sociais, como por exemplo o que é gênero e quais os limites entre adolescência e fase adulta.

Para esses autores, a adolescência é definida de forma abstrata, pela maneira como é delimitada a partir dos desejos adultos, mais que pelo que o jovem deseja para sua vida. Nesse sentido, o jovem iria basear seus objetivos no que os adultos definem como marcas aceitáveis a se conquistar, mais que aquilo que ele acredita ser o essencial para sua própria satisfação. Portanto, o jovem não saberia ao certo quando se tornou um adulto e o que seria esperado dele como alguém maduro (Bock, 2007).

Questionar essa perspectiva abstrata é importante para que seja possível encontrar formas de responsabilizar não apenas o adolescente, mas também os pais, pela forma como ocorre a sua interação com a sociedade. Além disso, é importante problematizar essa forma de definir a adolescência para que seja possível estudar os comportamentos em diferentes culturas e sociedades, para podermos implementar políticas públicas de educação voltadas para a formação de seres críticos capazes de questionar e mudar o meio.

Bock (2007), por sua vez, defende uma perspectiva sócio - histórica para buscar uma definição do que é a adolescência, desenvolvendo uma concepção marxista que compreende o desenvolvimento do indivíduo a partir de uma relação com a história e a cultura, sendo sujeito ao tempo e o espaço em que vive. Uma abordagem que vê o ser humano como um ser social, portanto, muito mais complexo, e não resultante apenas de fatores biológicos. A autora cita Leontiev para reforçar sua concepção:

“Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico pela sociedade humana” (Leontiev,1978, p.267).

Por fim, a autora ressalta que existe ainda uma visão quase antagônica à sócio histórica, que seria chamada de perspectiva liberal. Na visão liberal, o homem é caracterizado por um desenvolvimento previsto pelo simples fato de ser homem. Portanto tem potencialidades dadas, que podem se desenvolver e aflorar em condições ideais na sociedade. Essa visão compreende a sociedade como algo independente da construção do humano, e que deve estar bem estruturada para que o homem possa prosperar e alcançar seu verdadeiro potencial. Dessa forma, a visão liberal compreende o homem como tendo sua concepção inerente ao fato de ter nascido, que carrega características comuns a todos os outros a partir do nascimento, sendo a sociedade apenas um molde para apresentar um mesmo conteúdo de maneiras diferentes.

O ponto de vista do nosso estudo se refere à visão sócio histórica, entendendo o homem como um ser cultural, e, portanto, dependente do tempo histórico em que vive, desenvolvido a partir das relações de cultura e valores que a humanidade desenvolveu até aquele momento. A adolescência, seguindo essa perspectiva, seria uma relação baseada na dialética, na qual as experiências sociais e as trocas de informações entre o meio coletivo são convertidos em individualidade, havendo uma constante troca entre o indivíduo e a humanidade, ambos se moldando para receber novas interações. (Bock, 2007).

Nesta perspectiva a adolescência não é compreendida como uma fase natural inerente ao ser humano, mas como uma construção social que tem consequências na subjetividade e na forma como as novas gerações se apresentam. As mudanças físicas do amadurecimento do corpo não definem a adolescência, mas as implicações que o desenvolvimento do corpo traz e a forma como a sociedade as compreende.

A linha sócio-histórica não se limita a descrever a adolescência como uma fase de transição entre a infância e maturidade, mas sim compreendê-la como um processo de troca entre o indivíduo e a própria sociedade. Dessa forma, a sociedade seria responsável pela identidade do adolescente, que, ao assimilar as diferentes visões de mundo, as modificaria com suas próprias interpretações. Essa linha considera também as interferências que a maturação do corpo traz, porém, com uma interpretação diferente da perspectiva naturalizante.

Nesse sentido, procura identificar quais os valores envolvidos na forma como a sociedade enxerga as mudanças corporais, e como isso impactaria na vida do jovem. Para ilustrar essa ideia, utilizaremos o exemplo do desenvolvimento dos seios da mulher. Para além do fato de ser a biologia que diretamente causa estas transformações corporais, ela tem um papel menos ativo que o social, quanto a modificação do comportamento dos adolescentes. Podemos citar também as diferentes marcas de “juventude” nos povos, desde ritos de

passagem, lutas e rituais, todas diferentes formas de reconhecer a adolescência. Nesse sentido, a adolescência é marcada por fatores distintos em diferentes culturas, e a forma como a fase é compreendida também varia. (Levi e Schmitt, 1996).

Partindo do pressuposto, então, que a adolescência é um processo social, é necessário analisar como foi que surgiu, socialmente, a necessidade de uma fase transitória entre a maturidade e a infância. De acordo com Bock (1991), a adolescência se tornou um fenômeno das sociedades modernas, necessário devido à industrialização e a urbanização. A partir da revolução industrial houve a necessidade de profissionais mais preparados, com maior nível tecnológico e de maior sofisticação. Dessa forma, a educação escolar precisou aumentar o tempo de formação de seus alunos, aumentando também a faixa etária dos escolares e, portanto, formando um grupo específico de jovens.

A autora ressalta que o sistema capitalista também trouxe o desemprego crônico, algo que teve como consequência uma introdução mais lenta do indivíduo no mercado de trabalho. Com o prolongamento do tempo de educação, o distanciamento dos filhos da família devido aos estudos e a exigência de um nível mais avançado de educação levou ao surgimento de um novo grupo social: o adolescente. A autora explica esse fenômeno:

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta. As marcas do corpo, as possibilidades na relação com os adultos vão sendo pinçadas para a construção das significações. (Bock, 2011)

A nova forma de estruturação da sociedade levou os jovens a um aumento da dependência do adulto, devido às exigências crescentes do trabalho, exigindo cada vez mais aptidão técnica. Dotado de plena capacidade cognitiva, afetiva e fisiológica, porém impossibilitado de acessar o mercado, teríamos a formação de um grupo que consideramos hoje como adolescentes. (Clímaco apud Bock, 1991). Por sua vez, esse “novo” jovem sem ter em quem se espelhar para compreender o que lhe era esperado, assumiu aquelas características ditas pela sociedade.

Assim o nosso estudo se insere na perspectiva de Bock, onde a adolescência não seria natural nem patológica, mas um resultado de uma dinâmica histórico-cultural (Bock, 2011). A partir desta concepção, procuramos entender a forma como a sociedade vê a juventude, as relações entre adolescência e violência, compreendendo o adolescente como detentor de consciência

e capacidades cognitivas semelhantes a um adulto. Fugindo de estereótipos muito presentes nos best-sellers que tratam da adolescência como se fosse uma fase passageira e turbulenta, na qual deve-se apenas tolerar o adolescente, devendo os pais aceitar os conflitos e se posicionar de maneira autoritária. (Bock, 2011)

#### **4.1.2. Algumas reflexões iniciais sobre violência**

A sociedade moldou a visão do que é adolescência e, portanto, a forma como a família lida com o jovem, e de que maneira essas relações acabam por influenciar o indivíduo. Portanto, para compreender a violência nos relacionamentos amorosos, é vital avaliarmos não apenas o conceito de violência, mas explorar seu papel no contexto familiar e social.

De acordo com Minayo (1994), a violência não tem origem biológica, nem é parte do humano, mas é, na verdade, o resultado de um extenso e complexo sistema de relações sociais. Para a autora, hoje seria praticamente unânime “a ideia de que a violência não faz parte da natureza humana e que a mesma não tem raízes biológicas. Trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade” (Minayo, 1994 pág7)

Uma vez que tenhamos compreendido que ser adolescente está ligado a um contexto histórico cultural, é necessário que possamos compreender também a violência a partir da mesma perspectiva. Retomando Minayo (1994), a autora destaca três tipos principais de violência: de resistência, de delinquência e a estrutural. As três dialogam entre si e são essenciais para compreender a motivação de seu uso pela sociedade.

Define, por exemplo, a que consideraremos como a mais importante: a violência estrutural. Marcada pela violência comportamental, pode ocorrer não apenas em instituições respeitadas e organizadas, como a família, mas também estender-se aos sistemas econômicos, culturais e políticos. A existência dessa violência causa opressão a diversos grupos em várias escalas, podendo ser tanto uma minoria quanto uma nação inteira, negando-lhe conquistas usufruídas na sociedade. Nesse sentido, podemos pensar que o racismo e o sexismo se relacionam com uma violência estrutural. É importante destacar que esse tipo de violência interfere na socialização do indivíduo, fazendo com que o mesmo aceite ou inflija sofrimento como se fosse algo natural. (Minayo, 1994).

Por outro lado, há também o que a autora considera como violência de resistência. Esta seria, normalmente, uma “resposta” à violência estrutural sofrida pelos mais diversos grupos,

nações e indivíduos. Um exemplo de violência de resistência poderia ser a reação de uma mulher após ser abusada. Essa forma de resposta à opressão não é aceita pela sociedade e é muitas vezes questionada, normalmente pelos detentores dos poderes culturais, políticos e econômicos. Nesse sentido, pode-se dizer que é uma forma de luta contra alguns valores estabelecidos socialmente, e que são difundidos e mantidos pela violência estrutural. É amplamente discutida por estudiosos e filósofos, que questionam se a violência deve ser utilizada como uma forma de reação.

Por último, a violência de delinquência, a qual também está muito associada à violência estrutural. Este tipo de violência é a que se refere ao desrespeito à lei, sendo facilmente reconhecida. A violência estrutural, por ser utilizada como uma forma de resolução de conflitos, muitas vezes acaba por estimular o crime. As desigualdades causadas pela forma como os valores sociais estão moldados e o modo como se relacionam causam diferentes influências no indivíduo, e, podem ter como resposta a delinquência. (Minayo, 1994)

Dahlberg e Krug (2006), a partir da análise do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde produzido pela OMS definem a violência como uso da força, tanto física quanto psicológica, relacionada a qualquer tipo de poder que possua, contra si próprio, os outros a sua volta, um grupo ou até mesmo uma comunidade. Deve resultar ou pode resultar em várias consequências negativas, como dano psicológico, privação ou prejuízo do desenvolvimento de algo ou alguém, e até mesmo a morte. Os autores resgatam a definição do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (2002), e descreve alguns tipos de violência:

A) Violência física: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades.

B) Violência psicológica: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social.

C) Violência sexual: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.

D) Negligência ou abandono: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados.

Podemos compreender a violência estrutural como a maior causa de todas as violências e a responsável pela modificação da forma de socialização do indivíduo, para em seguida abordarmos a especificidade da violência nos relacionamentos entre adolescentes. Sendo estrutural ela dissemina seus valores, que são naturalizados a partir das mais variadas instituições, inclusive a família (Minayo, 1994),

Uma vez que consideramos que a família é fundamental para o desenvolvimento da personalidade do adolescente, analisaremos como esta, por sua vez, pode influenciar na perpetuação de condutas consideradas violentas, focando nos relacionamentos amorosos. Além disso, o conceito de violência estrutural pode nos ajudar a entender como o adolescente é um ser social e molda seu comportamento a partir do contexto em que está inserido. Se a violência está inserida a partir de complexas interações sociais, o adolescente, tendo a sociedade como molde, pode reproduzir determinados comportamentos e manifestações da violência.

A partir disso tomaremos a discussão anterior para pensar a perspectiva de compreender o que seria uma relação violenta entre adolescentes e que espécies de comportamentos teriam que emergir para que seja considerada para além de uma relação conflituosa. Buscaremos refletir sobre a presença da violência física, psicológica e sexual, no contexto de vida dos adolescentes, mas investigando com mais cuidado a violência psicológica.

## **4.2. A violência em relacionamentos amorosos na adolescência.**

### **4.2.1. O que pode tornar uma relação amorosa uma fonte de violência para os envolvidos?**

É importante destacar que há uma necessidade social de estudar relacionamentos amorosos violentos entre adolescentes, uma vez que a forma como o adolescente lida com os conflitos pode vir a continuar na fase adulta. E principalmente buscamos agora compreender o que faz com que uma relação amorosa se torne uma forma da expressão da violência para os envolvidos. (Oliveira et al, 2014)

Para frisar a importância de se discutir os relacionamentos amorosos violentos, seria necessário citar algumas consequências desse tipo de relação. Além dos valores que o próprio jovem pode adquirir, a violência sofrida não apenas nas relações familiares, mas no próprio namoro, pode levar a transtornos mentais e à desconfortos como a ansiedade e a fadiga constante. Nesse sentido, uma forma comum de escapar a essas sensações seria o abuso de substâncias e a aceitação de uma posição de inferioridade, algo que justificaria a permanência em um relacionamento abusivo. (Guerreiro et. Al 2015)

Procurando formar um panorama geral, uma revisão de estudos científicos sobre o tema procurou mapear o quanto homens e mulher toleravam a violência e de que forma a compreendiam. No geral, os estudos apontam que uma baixa, mas considerável, parcela dos

jovens concordam com o uso de violência nos relacionamentos amorosos. Entretanto, o que mais chama atenção seria que quase 40% dos entrevistados de um dos estudos veem a violência como uma forma de amor. Uma possível interpretação para esse fato seria que muitos comportamentos não são reconhecidos como forma de violência. (Machado, Caridade, 2006)

Portanto, pode-se dizer que um dos motivos pelos quais uma relação amorosa pode se tornar violenta seria o desconhecimento da população acerca do próprio comportamento. Além disso, a pouca atenção ao reconhecimento de comportamentos considerados como abusivos é outro fator chave.

De acordo com Oliveira et al (2014) tem havido um aumento (ou o início de uma maior pesquisa) de casos de violência psicológica entre adolescentes em relacionamentos íntimos. Esse crescimento estaria relacionado a uma elevada exposição à agressão verbal entre pais e mães, e ao contato com a violência psicológica entre os pais, irmãos, amigos e mesmo em relacionamentos anteriores. Assim, esses resultados corroboram a ideia de uma circularidade na violência vivida e que, culturalmente, a opressão é reproduzida por instituições, principalmente a família.

O jovem procura desenvolver sua individualidade e compreensão do que é a sociedade a partir do meio em que vive. Um ambiente familiar que expõe o grupo juvenil a uma cultura de violência pode levar o adolescente a acreditar, pela sua experiência, que haja grupos sociais que devam ser inferiores a outros e aceitar essa realidade.

No que tange à violência parental sofrida algumas pesquisas têm mostrado que os homens e mulheres que sofrem de violência dos pais são significativamente mais propensos a cometer violência em um relacionamento de namoro(...) e que, entre meninos e meninas de 15 anos de idade, as experiências de maus-tratos de pais contra filhos foram positivamente relacionadas com o uso de comportamentos psicologicamente abusivos contra o parceiro. (Oliveira et al, 2014)

Os autores afirmam que não seria necessário sofrer violência familiar para perpetua-la, mas testemunhar essa violência também causa efeitos nocivos na forma como o jovem se porta em seus relacionamentos amorosos. Além disso, observa-se também que esses efeitos apresentam diferenças entre os gêneros. Simon e Furman apud Oliveira, observaram que, no caso dos rapazes, testemunhar uma relação Inter parental violenta tornava mais provável que o jovem compreendesse como justificável alguns tipos de agressão no namoro.

Nesse mesmo estudo há a observação de que a convivência entre os amigos por ser mais extensa, pode ser ainda mais significativa que a dos pais. A forma como os adolescentes

amigos reagem a determinadas situações pode influenciar na repetição (ou extinção) de determinado comportamento e até mesmo na escolha dos próximos parceiros. Nesse sentido, podemos pensar que uma das formas de opressão presentes na cultura, o machismo, muitas vezes pode ser usado como justificativa para atos violentos, uma vez que a mesma pesquisa não encontrou a mesma correlação da influência da violência parental nas jovens, que, no caso, compreenderiam a tolerância à casos de desrespeito como uma forma de apaziguar conflitos.

Dessa forma, algo importante de salientar seria o papel da cultura e do meio em que se vive para a formação de um quadro de violência em um relacionamento amoroso. Pode-se dizer, assim, que as mais diversas correlações vividas possuem diferentes impactos nos jovens, que por si só internalizam algumas questões que o levam a aceitar a violência ou praticá-la. É possível perceber, portanto, que testemunhar e sofrer violência no contexto familiar e mesmo ver amigos reproduzindo-a são fatores cruciais na perpetuação do abuso.

A partir disso, é oportuno destacar que os estudos de Machado e Caridade (2006) constataram que as mulheres são tão violentas fisicamente quanto homens. Entretanto, qualitativamente, mulheres estão mais expostas à violência severa e demonstram reações emocionais ainda mais acentuadas que homens. Nesse sentido, pode-se dizer que o gênero feminino é o que sofre mais consequências com a violência nos relacionamentos amorosos. Os autores do estudo também discutem essas diferenças nos resultados, no que toca especialmente a violência física, entre o feminino e masculino, a partir das marcas de gênero oriundas dos processos de socialização. O feminino procuraria compreender o cerne da causa do conflito e evita-lo, enquanto o masculino utilizaria a violência como uma forma de conquistar a dominância. Isso sugere que a mulher se utiliza da violência psicológica com muito mais frequência que o homem, e talvez isso possa ser explicado pelos papéis de gênero.

No estudo de Guerreiro et al (2015), foi feita a aplicação de um questionário acerca de quais comportamentos violentos eram apresentados e quais eram reconhecidos como violência. Uma das conclusões deste estudo não foi apenas que os que sofriam a violência eram mais tolerantes a ela, mas que estas às vezes era vista como formas de expressão do próprio amor. Nesse sentido, pode-se dizer que a forma como se compreende o amor seria distorcida.

Os autores afirmam que a violência também pode ser compreendida como uma estratégia de lidar com os mais diversos conflitos que surgem no namoro, sendo considerada como uma forma adequada, de acordo com o adolescente, de expressar os sentimentos que emergem na relação amorosa. Na mesma pesquisa, os autores sugerem que muitos conflitos surgem a

partir de uma transgressão do que seria o papel social da mulher, algo a que nos referimos no capítulo anterior.

No estudo há uma análise do quanto a influência dos pais podem levar os filhos a reproduzirem a violência. Os trabalhos analisados divergem, sendo que alguns apontam o comportamento dos pais do gênero oposto como maiores responsáveis pela apresentação de comportamentos violentos ou aceitação da conduta violenta. Outros apontam que o exemplo do mesmo gênero seria o principal responsável pela forma como o adolescente se comporta. Entretanto, há um consenso: nas famílias nas quais os pais demonstravam um comportamento violento, havia uma probabilidade muito maior de se apresentar um viés de violência no namoro (Oliveira et al, 2014)

Porém, a responsabilidade não caberia apenas aos pais, os colegas com os quais o adolescente convive parecem ter grande influência na forma como o jovem se comporta e compreende o namoro. Uma vez compreendendo a adolescência como uma construção social, baseada em como o jovem processa as informações do meio em que vive, faz muito sentido que os colegas tenham também grande importância na forma de perceber o namoro. Além disso, a forma como seu comportamento é recebido pelos amigos pode se configurar como justificativa de um relacionamento amoroso ser fonte de violência.

Assim, a violência é compreendida como uma forma de lidar com os mais diversos conflitos e de assegurar que algumas crenças sociais permaneçam respeitadas, desde distinções de papel de gênero até a forma como o indivíduo compreende que um relacionamento deve se constituir. A noção de que a violência pode ser um artifício para atingir objetivos pode ser explicada por uma interação das influências sociais a que o jovem está submetido, desde o âmbito familiar, até a convivência com os amigos e a forma como a própria sociedade se estrutura.

#### **4.2.2. O que caracteriza um relacionamento como abusivo e violento?**

Inicialmente é importante destacar a importância de discutir as relações de gênero presentes em um relacionamento amoroso. De acordo com os aspectos da violência discutidos anteriormente e tendo em vista as noções de violência estrutural, a forma como o parceiro percebe seu cônjuge pode se basear nesse tipo de construção. Dessa forma, torna-se importante também a definição do que seria a violência doméstica:

“As agressões físicas, humilhações, torturas psicológicas, exploração, controle da vida pessoal, abandono material, divisão desigual das

responsabilidades com a família e a casa, abuso de poder, bem como violência sexual, todas podem ser consideradas “violência doméstica” (Cartilha de Violência Doméstica SEDIR, 2005)

Apesar da cartilha supracitada ter em si um foco específico no relacionamento conjugal entre adultos casados, algumas características descritas como violência doméstica entendida como mecanismos de controle sobre o outro, podem ser pensadas para o contexto dos adolescentes. Para os autores, a violência de gênero acontece a todo o momento, desde as relações privadas até à forma como a mulher é vista e objetificada socialmente. Dessa forma, a mulher tem seus direitos humanos constantemente infringidos, inclusive com o homem justificando seus atos como uma maneira da “manter a mulher em seu lugar”. Para atingir esse objetivo de controle, podemos perceber o uso de medidas que podem ferir o bem-estar físico, sexual e ou psicológico da vítima.

Portanto devemos estar atentos a alguns indícios mais comuns de um relacionamento amoroso violento. Neles, há a presença, por exemplo, de ameaças, que se enquadram na perspectiva de violência psicológica, uma vez que funcionam como uma forma de induzir o parceiro a se comportar de certa maneira, contra sua vontade, para evitar represálias. Outra maneira muito comum de violência dentro de um relacionamento amoroso é o uso do racismo, associando-se a cor da pele à características pejorativas, muitas vezes justificando possíveis agressões verbais.

A lesão corporal é um dos indícios mais graves de violência no relacionamento amoroso, e o mais visível. Compromete a integridade física e é muito mais rechaçado socialmente do que a violência psicológica, muitas vezes aceita como forma normal de se relacionar.

Exemplos de agressões físicas são atos como: soco, bofetão, tapa, pontapé, queimaduras ou qualquer outro comportamento que machuque ou prejudique a saúde. (*Cartilha de Violência Doméstica SEDIR, 2005*)

Thiago de Almeida APUD Barberá (2006), apresenta uma proposta de definição de dimensões dentro do que corresponderia a violência dentro do relacionamento amoroso. Essas dimensões podem ocorrer individualmente ou de forma simultânea. Nesse sentido, determinados comportamentos são refletidos em cada dimensão, e as categorias de violência se completam e dialogam entre si.

Para o autor, o não cumprimento de uma configuração de submissão do mais fraco ao poderoso acaba por levar ao uso do controle, como uma forma de reafirmar a superioridade de um indivíduo sob o outro. No caso do uso de controle via chantagem, é muito comum a vítima apresentar passividade e conformismo com sua situação.

Há ainda o uso de formas de demonstrar autoridade sobre o outro, algo que possui um efeito diferente na vítima. Muitas vezes, estabelece-se uma forma de confronto entre as duas partes, seja aberta ou de forma camuflada. Nesse caso, ao comportar-se de uma maneira diferente, um dos lados pode sofrer retaliações severas. O autoritarismo se expressa através do uso dos mecanismos de controle, que se inicia muito sutilmente, muitas vezes mascarados como formas de preocupação com o parceiro, mas com a intenção real de limitar suas ações. Uma vez estabelecidos os limites, estes são lentamente aceitos, sendo sua transgressão rechaçada com o uso do autoritarismo.

Dessa forma, muitas vezes essa violência sutil é justificada como uma forma de algo que estaria sendo feito buscando o bem estar do parceiro:

O estabelecimento desta forma da violência geralmente é sutil e a primeira via que ela toma é o de controle ao parceiro, com ares de preocupação com o relacionamento e com o bem estar do próprio parceiro. Tão sutil que pode ser imperceptível para quem nunca sofreu a violência conjugal. Dessa forma, por meio de mecanismos de controle à liberdade da parceria constituída como, por exemplo, manifestar o ciúme como uma sinóníma do amor que sente, ou ainda, de sua preocupação com o parceiro ou com a relação, o comportamento violento do agressor se esconde por detrás da máscara da simpatia (De Almeida, 2006, p. )

O autor ressalta que outra possibilidade de violência é o apelo ao lado emocional do outro para a concretização das vontades do indivíduo abusador. Seria uma chantagem emocional, uma forma de recorrer ao sentimento do outro e fazê-lo sentir culpa por um “mal-estar” causado pelas suas ações. Nesse sentido, o perpetrador utiliza-se da boa fé do companheiro e o leva a acreditar que suas ações levaram outros ao sofrimento. No limite, um exemplo desse tipo de comportamento é quando há ameaça de matar-se, caso o companheiro não faça determinadas escolhas.

Outra questão que deve ser levantada como uma característica de um relacionamento abusivo são as crenças legitimadoras da violência. Algo que implica no uso sem consciência de condutas baseadas em valores internalizados, sem reconhecimento do comportamento inadequado, com a crença de que o ato seria legítimo. Nesse sentido, essas crenças estão mais frequentemente presentes nos homens, que defendem que alguns comportamentos violentos seriam justificáveis pelo comportamento da parceira. (Caridade, Machado, 2006) Materiais pedagógicos produzidos para mulheres em situação de violência definem como chantagem qualquer forma de forçar o parceiro a manter relações sexuais indesejadas. O uso de chantagem, por mais sutil que seja, se configuraria como uma forma de violência no

relacionamento afetivo. (cartilha de Violência contra a Mulher da Prefeitura de São Paulo, 2013). A coação é uma forma de forçar o parceiro a se comportar de uma determinada maneira, muito usada no dia a dia e pouco percebida como forma de violência, por ser muito sutil. Exemplos de coação são atos que levariam o parceiro ao isolamento do seu meio social, reforçando o medo e a insegurança. (De Almeida, 2006)

#### **4.2.3. Quais os limites entre afeto e violência?**

Apesar de termos nos referido a diferentes maneiras de delimitar os tipos de violência, uma grande dificuldade em um relacionamento amoroso é conseguir delimitar quando determinado comportamento seria abusivo. Em parte, muitas condutas são aceitas socialmente e não são consideradas formas de perpetração de uma violência estrutural. Nesse sentido, pode-se dizer que a percepção de cada indivíduo não apenas determina quais comportamentos ele considera como violência, mas também suas próprias noções do que é afeto. Através da psicologia, seria possível traçar algumas necessidades emocionais em comum na dinâmica dos relacionamentos amorosos e, dessa forma, é possível analisar motivos de desequilíbrio nas relações.

De acordo com Lopes (2009), o ciúme, uma das emoções mais comuns em um relacionamento saudável, serviria como um mecanismo para garantir a exclusividade do outro com quem se relaciona. Entretanto, a partir do momento em que o ciúme se torna algo que impede que o indivíduo tenha uma visão ampla e clara das situações, torna-se preocupante. Uma emoção que tem tendência a associar-se com a sensação de inferioridade ou insuficiência, e que, quando em excesso, torna-se prejudicial à relação. Esse tipo de situação tem como consequência causar reações exageradas de autoproteção que acabam por agredir a integridade do companheiro.

O autor também afirma que todo indivíduo procura ter sensações de excitação, fantasia e satisfação em seus relacionamentos amorosos. Entretanto, a forma como o ser humano busca satisfazer esses três pilares é o que define quando o namoro pode se tornar doentio (Lopes, 2009). Nesse sentido, alguns comportamentos abusivos se configuram como um mecanismo para proteger o relacionamento e assegurar a concretização das três sensações buscadas. Portanto, quando se acredita que uma atitude seria uma afronta ao relacionamento, o ciúme por exemplo, esta pode tornar-se doentia.

A definição de afeto, de acordo com o dicionário Aurélio, seria sentimento, paixão,

Dedicação, afeiçoamento, entrega (Dicionário Aurélio, 2016). Nesse sentido, emoções podem se transformar em obsessões e formas de controle, algo que não se configura exatamente como afeto. Pode-se pensar então que a violência surge como um mecanismo para tentar manter uma relação, um artifício que se usa como forma de preservar alguma espécie de ligação.

### **4.3. *Violência no namoro: sensibilização e prevenção***

Uma vez trabalhada as noções de violência, suas causas e suas manifestações no namoro, torna-se importante refletir sobre as consequências destas para o adolescente e a sociedade, além de pensar formas de sensibilização e prevenção. Um recurso importante, que ressaltamos aqui, seria trabalhar esse tema através da aplicação de instrumentos de investigação de comportamentos violentos dentro dos relacionamentos e análise de seus impactos nos adolescentes.

Há evidências de que em um panorama de violência nas relações amorosas, ambos os jovens sofrem com o relacionamento abusivo. E aqueles que sofrem com o namoro de tendências violentas apresentam maior taxa de pensamentos suicidas, prejuízos no desenvolvimento da autoestima, depressão, estresse pós-traumático, ansiedade e ainda risco de abuso de substâncias entorpecentes. Nesse sentido, trabalhar com esse assunto nas escolas pode evitar consequências extremamente complexas e apresentar potencial de prevenção. (Murta et al, 2013)

Nesse sentido, o trabalho preventivo em escolas torna-se fundamental pela importância desta na vida dos jovens, e por ser o lugar onde passam a maior parte dos seus dias, tornando-a um ambiente essencial para seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, a própria escola, consciente desse papel de responsabilidade nos valores adquiridos pelos jovens, poderia desenvolver projetos que conscientizassem os alunos a respeito de manifestações de cunho violento. Compreender os principais comportamentos apresentados pelos alunos pode ser uma forma eficaz de desmistificar o que pode estar ocasionando-os, e dessa maneira combatê-los.

Além disso, como foi trabalhado anteriormente, os relacionamentos amorosos na adolescência, suas dinâmicas e experiências, costumam se repetir em futuros relacionamentos. Nesse sentido, é possível não apenas fazer um acompanhamento dos comportamentos mais comuns e trabalhá-los coletivamente, planejando intervenções

possíveis para a própria instituição de ensino nos casos em que se fizer necessário.

O nosso estudo pretende, dessa forma, apresentar dois instrumentos de pesquisa em forma de questionário que trazem uma série de questões sobre crenças e comportamentos considerados abusivos, abordando possíveis conflitos e noções de gênero que influem na atitude de vítimas e perpetradores da violência.

Como evidencia o estudo de Minayo em *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre adolescentes*, essa questão da violência não está fixada em apenas um gênero, já que as jovens apresentam tantos comportamentos violentos quando os rapazes. Mas o mesmo estudo reforça que essa constatação não deslegitimaria a influência das noções de gênero como cerne da violência. (Minayo, 2003)

Nesse sentido, a instituição de ensino tem um papel fundamental na construção de uma educação não sexista, a partir da investigação dos conceitos de gênero perpetuados no ambiente escolar; da forma como os jovens acreditam que devem resolver seus conflitos; e do uso de violência para justificar seu comportamento. Njaine e Minayo observam que a interação do corpo discente com os professores pode se mostrar conflituosa. Portanto, poderia se dizer que é necessário, antes de iniciar um projeto específico para o combate da violência no relacionamento amoroso, uma atenção maior para a relação entre profissionais da escola e estudantes. (Njaine e Minayo, 2003)

Dessa forma, pode-se dizer que haveria dificuldades em se iniciar um projeto de intervenção caso haja desconhecimento do panorama da relação educador-aluno. Essa relação deve ser tratada como primordial e os profissionais devem estar cientes da situação social do público alvo da determinada escola, para não apenas poder compreender os valores dos seus estudantes, mas para que seja possível formular um plano de combate à reprodução de mecanismos de violência.

Na pesquisa das autoras, através da realização de grupos focais em escolas públicas de ensino fundamental e médio, conclui-se que o próprio professor lida com seus estudantes utilizando a violência na relação pedagógica. Os efeitos da violência cotidiana impactam a vida escolar de forma direta e indireta, e deve haver uma preparação especial do próprio educador para lidar com cautela e evitar ao máximo os embates possíveis. (Njaine e Minayo, 2003) Portanto, a realização de um projeto de conscientização toca muitas outras questões além da violência nos relacionamentos amorosos e precisa-se garantir que os alunos tenham confiança uma relação de respeito com os profissionais que propõem a abordagem.

No contexto escolar há diferentes formas de intervenção, e estas podem ser divididas em três diferentes grupos. Uma prevenção primária, que foca em grupos de jovens que não estão em

grupo de risco para comportamento violento, onde o trabalho buscaria manter essa situação. A prevenção secundária, por outro lado, procura trabalhar com adolescentes que vem de um contexto familiar e social que apresenta condutas violentas, ou seja, configura-se como um grupo de risco. Já a prevenção terciária foca naqueles que já sofreram violência diretamente nas relações amorosas e procura evitar sua perpetuação. (Matos et al 2006)

Uma vez que se tenha ultrapassado a possível barreira de resistência entre professor e aluno, é necessário que se avalie de que maneira os estudantes compreendem algumas questões sociais. Nessa perspectiva, descobrir o quão exposto ao uso da violência como forma de se relacionar e aos papéis de gênero amplamente difundidos socialmente, torna-se possível a organização de um programa de prevenção ou intervenção.

Para que isso seja possível, propõe-se a aplicação de um questionário acerca alguns comportamentos e valores relacionados a violência no namoro. Deve-se compreender até que ponto o jovem apresenta determinadas condutas, sua tolerância à violência, e mesmo se a considera legítima. No trabalho com jovens é necessário que haja uma atenção, inicialmente, a comportamentos que seriam preditores de violência dentro de um namoro. Muitos comportamentos vistos como sinais de amor são, na verdade, sinais de que um relacionamento amoroso tem forte tendência a se tornar uma relação desigual. (Matos et al 2006)

Quanto ao que deve ser abordado nos programas, existem vários aspectos culturais que são importantes de serem desconstruídos, como por exemplo a legitimação da violência devido ao machismo e a culpabilização da vítima. Nesse sentido, a desconstrução de certos estereótipos deve ser profunda e cuidadosa e o jovem precisaria compreender, desde o início, que alguns comportamentos não devem ser tolerados (Matos et al 2006)

Portanto, deve-se frisar que a violência no namoro, sendo um fenômeno multicausal, deve ser combatido com uma amplitude maior de programas. Estes devem ser guiados pela busca de uma mudança comportamental que promova uma melhor interação com as próprias emoções, um novo olhar acerca dos papéis de gênero, uma não aceitação da violência (como por exemplo menor tolerância com mal tratos) e maneiras mais sábias de resolver os conflitos. (Murta et al, 2013)

Pode-se dizer então, que um programa de intervenção nesse caso é muito complexo, uma vez que lida com os mais variados assuntos. Em Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura, é feita uma leitura crítica de vários programas de intervenção em escolas. Este estudo tem uma grande importância para o nosso projeto devido a sua preocupação com a análise da efetividade dos trabalhos de prevenção|intervenção.

Uma das colocações desse estudo seria a dificuldade de um programa de intervenção produzir profundas modificações na vida do estudante, embora a grande maioria obtenha efeitos satisfatórios. Para melhores resultados necessita-se de uma abordagem completa, que envolva a relação com os pais, o ambiente, os professores e uma autoanálise quanto ao comportamento. Por isso, os estudos acerca da prevenção são relativamente recentes e escassos, dificultando uma análise comparativa.

Apesar disso, abordaremos o tema nesse estudo, descrevendo uma experiência de programas de intervenção em escolas de ensino médio de Portugal com o objetivo de refletir sobre o uso de instrumentos para estratégias de prevenção de comportamentos e atitudes violentos nas relações amorosas.

A referência utilizada e o modelo de intervenção escolhido foi uma adaptação dos instrumentos INVENTÁRIO DE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS DE NAMORO ADOLESCENTES (ANEXO I) e da ESCALA DE ATITUDES ACERCA DA VIOLÊNCIA NO NAMORO (ANEXO II), por sua vez uma tradução e adaptação autorizada e validada pela autora para a população portuguesa (Saavedra, R. M. M., 2010) . São dois questionários de auto relato sobre violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos e as estratégias de resolução de conflitos utilizadas por adolescentes inseridos no contexto escolar.

As autoras falam da escassez dos dados disponíveis sobre a prevalência da violência nas relações juvenis de intimidade e que isso justificaria a necessidade da sua prevenção. Ressaltam a necessidade de conhecer e avaliar de forma aprofundada os esforços nacionais e internacionais já desenvolvidos, preencher as lacunas, evitar a repetição de erros já identificados e disseminar e replicar as boas práticas.

Relatam que seu interesse pela prevenção da violência nos relacionamentos íntimos surgiu inicialmente no contato direto com as vítimas de violência, na atuação profissional em que procuravam minimizar o risco de revitimação e o impacto da violência sofrida no quadro familiar, o que as permitiu conhecer de perto os elevadíssimos custos individuais, familiares, sociais e económicos desta forma de violência.

Sem menosprezar o trabalho desenvolvido no apoio imediato dirigido a pessoas vítimas de violência, assumido por entidades públicas, Organizações não Governamentais e/ou Instituições Particulares, elas questionam -se acerca da necessidade de prevenir antes de remediar. Ressaltam a insuficiência do investimento na prevenção primária, onde não há um número significativo de experiências preventivas publicadas.

Elas resumem as motivações para a aplicação dos instrumentos e elaboração de estratégias

de intervenção e prevenção:

- i) O reconhecimento de que a escola não é apenas um espaço para o ensino formal, mas também um espaço para a aprendizagem de aptidões relacionais, no qual deve ser possível aprender, treinar e experimentar competências de relacionamento positivas;
- ii) A resposta à necessidade de realizar uma intervenção holística e integrada, capaz de responder à constelação de comportamentos de risco que têm lugar na juventude, numa abordagem que abandona a focalização num único factor de risco e direcciona a acção para múltiplos factores e comportamentos problemáticos;
- iii) A prioridade à intervenção junto dos adolescentes/jovens, reconhecendo esta fase desenvolvimental, não apenas como um período complexo e de grandes mudanças mas, precisamente por isso, também como uma janela de oportunidade para a prevenção de comportamentos de risco e para a promoção de comportamentos saudáveis;
- v) O reconhecimento da importância de apresentar, aos jovens e aos professores envolvidos em dinâmicas preventivas, materiais de apoio de fácil utilização e manipulação, assim como estratégias de intervenção interativas e ajustadas;
- vi) A importância de assentar a intervenção numa base teórica coerente, associada a uma metodologia de avaliação rigorosa, capaz de responder a questões acerca de conhecimentos, atitudes, comportamentos e aprendizagem.

As autoras ressaltam a importância de a análise destes dados subsidiar as decisões estratégicas e políticas acerca do rumo da prevenção, apostando especificamente no treino de competências pessoais e sociais, facilitadoras do desenvolvimento pessoal e social dos jovens, de uma forma mais abrangente e menos fragmentada, numa abordagem interdisciplinar.

E finalizam fazendo algumas recomendações que nos parecem fundamentais para que o trabalho de prevenção realizado nas escolas possa ser um investimento permanente, expresso em ações de continuidade: a Educação para a Saúde deve ser considerada obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino e integrar o projeto da escola; As Escolas devem consolidar práticas de Promoção para a Saúde, utilizando as entidades exteriores às escolas como parceiras; os conteúdos destas ações de prevenção devem ser abordados segundo uma perspectiva de desenvolvimento e ecológica, dando particular atenção ao contexto social e cultural no qual a escola e os jovens se inserem; As atividades desenvolvidas deverão promover a cooperação entre a escola e a família

Dessa forma, tendo em vista a amplitude do problema da violência nos relacionamentos amorosos também no Brasil e as dificuldades intrínsecas à adolescência, que ultrapassam os

limites deste estudo, esperamos contribuir com alguns apontamentos desenvolvidos. E dar visibilidade à importância da prevenção da violência para que sejam incorporadas todas essas questões no ensino propriamente dito das escolas e promover programas de prevenção e atendimento psicológico coletivo ou individual.

## 5. CONCLUSÃO

Após todos os dados analisados, pode-se dizer que a adolescência é um conceito socialmente construído e suas implicações não tem causas necessariamente biológicas. O que é chamado de “fase” da adolescência é um período criado como uma forma do jovem se especializar mais para o que a sociedade espera de um adulto e compreender sua função. A biologia causa a maturação do corpo do indivíduo, mas o comportamento associado pelo senso comum (como por exemplo explosões de raiva à hormônios) a fatores biológicos são, na verdade, a forma como o meio compreende as modificações do corpo e como devemos reagir a elas. Portanto, é muito difícil definir a adolescência devido à sua amplitude cultural e sua relação intrínseca aos valores sociais específicos da era histórica em que se analisa.

Além disso, as relações construídas pelos jovens até o momento do início da primeira relação amorosa estão intrinsecamente ligadas a forma como o jovem se relaciona com o seu parceiro. A relação entre os próprios pais ou a forma como eles tratam o filho ou filha vai ter um grande peso na construção dos valores do indivíduo, além do contato com os colegas e a sociedade em geral.

Nesse sentido, torna-se importante destacar que a violência física, emocional e sexual são indicadores de um relacionamento abusivo. A necessidade de controlar o parceiro e mantê-lo para si são os maiores indícios de um relacionamento abusivo, e os artifícios usados para adquirir esse objetivo podem variar desde a agressão à integridade física até a emocional.

Com o estudo identificando a importância na escola na influência da absorção de valores pelos jovens, torna-se evidente que é necessária uma intervenção na fase escolar para evitar que determinados comportamentos se manifestem. Portanto, deve-se procurar prevenir que comportamentos abusivos se manifestem nos grupos de estudantes que não apresentam tendências violentas, e procurar remediar os casos que já tem apresentado indícios de conduta abusiva. Para isso, seria interessante introduzir o anexo deste trabalho, uma pesquisa para identificar as tendências violentas apresentadas ou ainda os valores que os indivíduos da escola possuem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOLDO, Raquel; BARBARÁ, Andréa. **Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens**. 2006. 10 p. Artigo (Doutorado em Psicologia) - USF, [S.l.], 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v11n2/v11n2a11.pdf>>
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Adolescence as a social construction: a research on the concept on books applied to parents and educators. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.
- DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso)>. access on 23 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- DE ALMEIDA, Thiago. **Violência nos Relacionamentos Amorosos**. [Http://www.brasilmedicina.com.br/noticias/pgnoticias\\_det.asp?Codigo=1863](Http://www.brasilmedicina.com.br/noticias/pgnoticias_det.asp?Codigo=1863): [s.n.], 2006. 1 p. Disponível
- ESPÍRITO SANTO. Prefeitura Municipal da Serra SEDIR. **Violência Doméstica: A Quem Recorrer?** Serra: 2005.
- GUERREIRO, Ana et al. **Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens**. 2015. 13 p. Artigo (Mestrado em Psicologia)-UMAR, [S.l.], 2015. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78885/2/115603.pdf>>
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens: da antiguidade à era moderna**. Companhia das Letras, 1996.
- MATOS, Marlene et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: teoria e prática**, v. 8, n. 1, p. 55-75, 2006.
- MINAYO, MC de S. et al. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de saúde pública**, v. 10, n. 1, p. 7-18, 1994.
- NJAINÉ, Kathie and MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface (Botucatu)* . 2003, vol.7, n.13, pp.119-134. ISSN 1807-5762.
- OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINÉ, Kathie and PIRES, Thiago Oliveira. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2014, vol.19, n.3, pp.707-718. ISSN 1413-8123.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE , 2002, Genebra. **Relatório Mundial sobre Violência e saúde...** Biblioteca da OMS: Minimum Graphics, 2002. 20 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/65818661/Relatorio-Mundial-sobre-violencia-e-saude>>
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. **A São Paulo que queremos não tolera violência contra a mulher**. Cartilha contra violência distribuída pela prefeitura de São Paulo. São Paulo: 2013

SAAVEDRA, Rosa; MACHADO, Carla. Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. **Análise Psicológica**, v. 30, n. 1-2, p. 109-130, 2012.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena et al. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.

# ANEXO I – Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI)

## Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação

Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

*Versão para Investigação*

### INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

### PARTE I

#### A) ASSINALA COM UMA CRUZ (X) A OPÇÃO QUE MELHOR SE APLICA À TUA SITUAÇÃO.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (**Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário**)
- Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (**Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário**)

#### B) SE JÁ ESTIVESTE ENVOLVIDO NUMA RELAÇÃO DE NAMORO, POR FAVOR, RESPONDE À SEGUINTE QUESTÃO:

Com que idade começaste a namorar? \_\_\_\_\_

#### C) NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ACTUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTAS QUESTÕES:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) actualmente.



**DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):**

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.1. Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.1. Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.1. Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.1. Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.1. Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.1. Ele(a) discutiu o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.1. Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.1. Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.1. Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.1. Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.1. Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.1. Ele(a) culpou-me pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.1. Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.1. Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu desisti só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.1. Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):**

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Eu ameacei magoá-lo(a).		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu ameacei terminar o namoro.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## **ANEXO II – Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)**

### **Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)**

(Autores: Price, Byers, & *The Dating Violence Research Team*, 1999;

Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

*Versão para Investigação*

#### **INSTRUÇÕES**

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

**Discordo Totalmente**

**Discordo**

**Não concordo nem discordo**

**Concordo**

**Concordo totalmente**

## Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>





11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>